

1 A política como teoria

Costuma-se dizer que a democracia nasceu na Grécia, mais propriamente em Atenas. Embora tenha durado pouco tempo, surgiu como uma proposta original que ao longo dos tempos fecundou teorias e sonhos de liberdade e igualdade dos mais diversos teores.

Queremos dizer que, por serem os gregos os primeiros a filosofar, também foram eles os primeiros a refletir criticamente sobre a política, por isso costuma-se afirmar que eles “inventaram” a política. Não que outros povos já não tivessem exercido o poder, mas que apenas entre os gregos essa reflexão se desliga dos mitos e teoriza sobre a possibilidade humana de engendrar por si mesma as leis e a organização da vida coletiva.

Neste capítulo veremos como as concepções teóricas dos gregos do período clássico marcaram profundamente a tradição ocidental. Suas concepções de política, desligadas dos mitos dos ancestrais e centradas nas leis racionais da cidade, tiveram continuidade na Idade Média, embora adaptadas à visão religiosa do mundo.

2 A democracia grega

A passagem do mundo rural e aristocrático da Grécia dos tempos homéricos (sécs. XII a VIII a.C.) para a formação das primeiras aglomerações urbanas no período arcaico (a partir do séc. VIII a.C.) determinou mudanças na estrutura social, política e econômica. A intensificação do sistema escravista acentuou a divisão do trabalho, desenvolveu o artesanato e estimulou o comércio, que dava vazão aos produtos excedentes.

Os gregos lançaram-se ao mar em busca de terras mais férteis e novos pontos de comércio, fundando colônias na Jônia (atual Turquia) e na Magna Grécia (sul da atual Itália, incluindo a Sicília).

PARA SABER MAIS

Tratamos de Grécia Antiga também nos capítulos 3, “O nascimento da filosofia”, e 13, “A busca da verdade”.

Nas pólis destacavam-se dois lugares: a *acrópole* e a *ágora*. A *acrópole* constituía a parte elevada na qual era construído o templo e que também servia de ponto de defesa da cidade. A *ágora* era a praça central destinada às trocas comerciais e na qual os

cidadãos se reuniam para debater os assuntos da cidade e resolver problemas legais.

As primeiras pólis, que teriam surgido na Jônia nos séculos VIII e VII a.C., disseminaram-se por todo o mundo grego. Com a invenção da moeda, a economia deixou de se basear na troca em espécie, passando a ser monetária. Em decorrência disso, os comerciantes e proprietários de oficinas enriquecidos, mas ainda sem representação política, aspiravam ao poder, que até então se encontrava nas mãos da aristocracia.

► Atenas no período clássico

Atenas teve uma sequência de legisladores — Drácon, Sólon e Clístenes — que destacaram o caráter humano das leis e não mais o divino. Além disso, aos poucos promoveram a ideia de cidadania, ao possibilitar a todos os cidadãos atenienses a participação na assembleia do povo, na qual eram eleitos os funcionários do Estado. Mas foi no governo de Clístenes, no final do século VI a.C., que o regime ateniense se democratizou: devido à nova distribuição das famílias em diversas tribos, o poder da nobreza territorial ficou reduzido.

PARA SABER MAIS

O período clássico da filosofia grega centraliza-se na figura de Sócrates (470-399 a.C.) e seu discípulo Platão. Os sofistas também fazem parte dessa época.

O apogeu da democracia em Atenas ocorreu no século V a.C., quando Péricles era governante. No entanto, o historiador Tucídides destaca o poder de liderança de Péricles, que tinha sempre as rédeas na mão:

[...] quando a massa queria tomar o freio, sabia como espantá-la e atemorizá-la, e quando se deprimia ou desesperava sabia dar-lhe alento. Deste modo, Atenas “só de nome era democracia”, sob o seu comando; “na realidade, era o domínio de um eminente”, a monarquia da superior habilidade política.¹

Outra crítica à democracia ateniense deve-se à constatação de que o fato de morar na mesma cidade não tornava seus habitantes igualmente cidadãos. Desse privilégio eram excluídos os estrangeiros, as

¹ JAEGER, Werner. *Paideia*. São Paulo: Herder, s. d. p. 431.

mulheres e os escravos. Importante ressaltar que o braço escravo, em todas as atividades artesanais, liberava o cidadão livre para as atividades reflexivas, políticas e de lazer.

Apesar dessas contradições, o ideal democrático representou uma novidade em termos de proposta de poder que, daí em diante, iria orientar as aspirações humanas por sociedades mais justas.

3 Os sofistas e a retórica

Coube aos filósofos sofistas, no século V a.C., a função de justificar o ideal democrático. Foram eles que elaboraram teoricamente e legitimaram o ideal democrático da nova classe em ascensão, a dos comerciantes enriquecidos, os quais, desde que fossem cidadãos da pólis, tinham direito ao exercício do poder. À virtude (*areté*) da aristocracia guerreira opuseram a virtude do cidadão: a principal delas é a justiça. Enquanto na aristocracia predominava a *areté* ética, restrita à excelência do nobre guerreiro, no novo modelo a justiça tornou-se política e mais objetiva que a anterior, pois o critério do justo e do injusto sustentava-se na lei escrita, válida para todo cidadão.

A exigência atendida pelos sofistas não era apenas de ordem teórica, mas também prática, voltada para a vida. Segundo Jaeger, historiador da filosofia, por esse motivo exerceram influência muito forte, vinculando-se à tradição educativa dos poetas Homero e Hesíodo.

Como mestres da nova *areté* política, os sofistas recorreram à *retórica*, que é a arte de bem falar, de utilizar a linguagem em um discurso persuasivo. É bem verdade que essa educação não se destinava ao povo em geral, mas à elite intelectual, àqueles bons oradores que poderiam, nas assembleias públicas, fazer uso da palavra livre e pronunciar discursos convincentes e oportunos. Com o brilhantismo da participação no debate público, deslumbravam os jovens do seu tempo. Os sofistas desenvolveram então o espírito crítico e aprimoraram a expressão.

A esse respeito, Jaeger enfatiza que a noção de *virtude* como virtude política era vista pelos sofistas sobretudo como aptidão intelectual e oratória, o que nas novas condições do século V era o decisivo. É completa:

“É natural que encaremos os sofistas retrospectivamente pelo ponto de vista cético de Platão, para quem o princípio de todo conhecimento filosófico é a dúvida socrática sobre a possibilidade de ensinar a virtude.

É, porém, historicamente incorreto e inibe toda a compreensão autêntica daquela importante época da história da educação humana sobrecarregá-la de problemas que aparecem apenas numa fase posterior da reflexão filosófica. Do ponto de vista histórico, a sofística é um fenômeno tão importante como Sócrates ou Platão. Mais: não é possível concebê-los sem ela.”

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Herder, s/d. p. 316.

Por que então Sócrates e seus discípulos acusavam os sofistas de superficialidade e de pronunciar um discurso vazio? Talvez essa fama se devesse à excessiva atenção de alguns deles ao aspecto formal da exposição e à defesa das ideias, sobretudo quando enfatizavam a persuasão e não a verdade da argumentação. No entanto, é preciso lembrar que a depreciação deles, levada a efeito por Sócrates e Platão, ajudou a manter a imagem caricatural dos sofistas.



PARA SABER MAIS

A partir do século XIX houve uma revisão historiográfica visando a reabilitar o prestígio da sofística. Consultar o capítulo 13, “A busca da verdade”.

Os mais famosos sofistas foram: Protágoras, de Abdera (485-411 a.C.); Górgias, de Leônício, na Sicília (485-380 a.C.); Híppias, de Elis, e Trásímaco, Pródico e Hipódamos, entre outros.

4 A teoria política de Platão

O pensamento político de Platão (428-347 a.C.) encontra-se sobretudo nas obras *A República* e *Leis*. Em estilo agradável, muitas vezes poético e com alegorias, Platão escreve diálogos em que seu mestre Sócrates é o principal interlocutor.

Seu verdadeiro nome era Arístocles. O apelido, “Platão”, talvez se devesse aos ombros largos. Ateniense de família aristocrática e fascinado pela política, sofreu pesados reveses ao tentar convencer Dionísio, o Velho, rei da Sicília, a aplicar suas teorias. Inicialmente bem recebido, após sérias desavenças foi vendido como escravo. Reconhecido e libertado por um rico armador, não desistiu do seu projeto político, retornando duas vezes à Sicília. Embora mais cauteloso, não obteve sucesso, e a amargura dessas tentativas frustradas transparece em *Leis*, sua última obra.

Persuasão. Ação de convencer. Os gregos têm dois termos para indicar a persuasão: *peithó* significa convencer respeitando a vontade alheia; *apáte* refere-se ao uso de argumentos para enganar e convencer por meio de mentiras.